

A faceta jornalística de Rachel de Queiroz: perspectivas biográficas

The journalistic side of Rachel de Queiroz: biographical perspectives

Gustavo Leite SOBRAL¹
Juliana BULHÕES²

Resumo

Rachel de Queiroz (1910-2003) não se considerava escritora, mas jornalista. E assim afirmou em diversas declarações, entrevistas e no seu livro de memórias. Neste artigo, abordamos a atuação jornalística de Rachel de Queiroz a partir de textos biográficos (QUEIROZ; SALEK, 2010; ACIOLI, 2007; IMS, 1997), autobiográficos (QUEIROZ, 1999, 2006), artigos e crônicas que escreveu para revista O Cruzeiro, ao partimos da premissa que a biografia e a autobiografia revelam aspectos relacionados à atividade profissional.

Palavras-chave: Biografia. História do jornalismo. Rachel de Queiroz.

Abstract

Rachel de Queiroz (1910-2003) did not consider herself a writer, but a journalist. And she explained it in several statements, interviews and in her book of memories. In this article, we discuss the journalistic work of Rachel de Queiroz based on biographical texts (QUEIROZ, SALEK, 2010; ACIOLI, 2007; IMS, 1997), autobiographical (QUEIROZ, 1999, 2006), articles and chronicles that she wrote for O Cruzeiro magazine, Based on the premise that biography and autobiography reveal aspects related to professional activity.

Keywords: Biography. History of journalism. Rachel de Queiroz.

Introdução

Biografias, autobiografias e textos autorais, como artigos e crônicas, acabam por revelar aspectos relacionados à atividade profissional do biografado e, em se tratando de

¹ Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM-UFRN). E-mail: gustavosobral1041@gmail.com

² Doutoranda em Comunicação (UnB). E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

jornalistas, revelam informações sobre os veículos de comunicação em que atuaram, as práticas profissionais, o clima das redações, dentre outras características. A partir desta premissa, desenvolvemos uma pesquisa que visa observar em textos de caráter biográfico (biografias, autobiografias e similares), que versem sobre jornalistas brasileiros, informações pertinentes sobre a atuação profissional do jornalista, sobre a profissão e conseqüentemente sobre a história do jornalismo no Brasil (BULHÕES; SOBRAL, 2016).

Em publicação anterior (SOBRAL; BULHÕES, 2016) escrevemos sobre a colaboração de Rachel de Queiroz para a revista *O Cruzeiro*, artigos publicados na seção *Ultima Página* que tratavam do exercício do jornalismo e de questões relacionadas à atividade profissional do jornalista.

Neste artigo abordamos a Rachel de Queiroz jornalista, a partir da autobiografia escrita em parceria com sua irmã Maria Luiza (QUEIROZ; SALEK, 2010), o perfil biográfico escrito por Acioli (2007), uma cronologia biográfica publicada em uma edição dos Cadernos de Literatura Brasileira dedicada a ela (IMS, 1997) e outros textos espalhados nos seus livros de crônicas que têm caráter biográfico (QUEIROZ, 1999, 2006).

Rachel, jornalista

Rachel de Queiroz costumava afirmar que era essencialmente jornalista: “eu tenho dito que me sinto mais jornalista que ficcionista. Sempre. Na verdade, minha profissão é essa: jornalista” (IMS, 1997, p. 33). Rachel escreveu romances que a consagraram, dentre eles o primeiro *O Quinze* e o último *Memorial de Maria Moura*, mas a sua produção jornalística não recebeu a mesma atenção e importância. “Registre-se, porém, que várias vezes durante a entrevista Rachel de Queiroz, insistiu que sua obra não lhe agrada, que se sente muito mais jornalista do que escritora e que, no fundo, não gosta de escrever – só faz isso porque precisa ganhar a vida” (IMS, 1997, p. 08).

Outra não foi a sua declaração ao declinar do convite do então presidente da república Jânio Quadros, em 1961, ao cargo de ministra da cultura, “sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista” (IMS, 1997, p. 13), justificou.

E em entrevista, disse: “quando escrevi *O Quinze* eu já era profissional – trabalhava em jornal e até tinha feito um romancinho em folhetim” (IMS, 1997, p. 22) e também “eu não sou uma romancista nata. Os meus romances é que foram uma maneira de eu exercitar meu ofício, o jornalismo” (IMS, 1997, p. 33). Sobre ser repórter, falou:

Cheguei a trabalhar na reportagem da redação de *O Ceará* e do jornal *O Povo*. Depois vim para o Rio, em 1939, e melhorei a minha categoria, escrevendo em casa. Eu tinha me casado e não era comum mulher casada trabalhar em redação à noite. Então passei a escrever meus artigos e crônicas em casa. Mas quando era jovem, achava muito bom ser repórter (IMS, 1997, p. 33).

Sua participação na imprensa escrita consistiu essencialmente como articulista e cronista de jornais e revistas. Algumas destas crônicas Rachel de Queiroz chegou a compilar em livros, publicando uma seleta do que lançara na imprensa diária, seja nos jornais com os quais colaborou, como o carioca *Diário de Notícias* ou o paulista *Estado de S. Paulo*, seja na seção *Última Página* da revista semanal *O Cruzeiro*, na qual participava com uma crônica sobre temas diversos.

O primeiro deles, o livro intitulado *A donzela e a moura torta* (1948), reúne as crônicas publicadas na década de 1940, especialmente nos anos de 1944, 1945 e 1947, quando Rachel colaborava com os jornais cariocas. Para edição do livro, as crônicas foram agrupadas em seis seções separadas por algarismos romanos, quase cinquenta textos reunidos sobre os mais variados temas, são registros de viagem, perfis, comentários de fatos do cotidiano. A crônica de Rachel se apresenta como a classifica Moisés (2004), como expressão literária híbrida e múltipla, porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo e que parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano.

O faro de repórter está presente no texto de Rachel de Queiroz. Rachel vai procurar conhecer (apurar) para reportar. Em crônica sobre vida no circo, observará os grupos, os espetáculos, registrará o humano, as circunstâncias, os fatos, como são de interesse do jornalismo: “é o domador o homem de poucas falas, baixo, corpo nervudo e magro, olhos parados, boca cerrada com uma risca no rosto. Parece ter nascido domador, mas essa não é a verdade” (QUEIROZ, 1999, p. 07).

Outras circunstâncias também registram a repórter em cena: “ao chegar em Pirapora, depois da jornada tremenda dum trem que parece o antepassado de todos os

trens, o viajante despreza o cansaço, despreza a poeira e a fome, pensando numa só coisa: ver logo o rio” (QUEIROZ, 1999, p. 09). O passado, as recordações também se ensaiam. Na crônica “Romance em Morumbira”: “isto aconteceu no Pará, há muito tempo. Tinha acabado a epidemia da espanhola e eu ia fazer sete anos” (QUEIROZ, 1999, p. 84).

A cronista também é aquela que apresenta informações com caráter contextual. Está em Minas e descreve para o leitor toda aquela geográfica: “ali foi estrada de garimpeiros, foi caminho dos bandeirantes. Mas não há matas, não há floresta escura e inviolável, coisa que a gente sempre associa a bandeirantes” (QUEIROZ, 1999, p. 10).

O tempo presente também figurará. Rachel escreve durante a Segunda Guerra Mundial e não é indiferente à guerra, escreve crônicas com tema de guerra, como “Carta aos soldados que estão combatendo”, “Morreu um expedicionário” e “Saudações ao pracinha”.

A missão do cronista, segundo Moraes (2009), é contrabalancear o peso da realidade do jornal. Confessará quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem. O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o deadline se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação.

A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Rachel também pratica a crônica autorreferente, o clássico exercício do cronista de relatar a falta de assunto: “Prezado leitor, adeus, estimo que passe bem. O fim destas mal traçadas é lhe dizer que hoje não espere crônica...” (QUEIROZ, 1999, p. 127).

O perfil é recorrente. Rachel de Queiroz preza pela apresentação e situação das personagens, quando não são protagonistas - ou seja, tema central da crônica -, aparecem também conferindo o caráter humano da narrativa. Rachel está em viagem na gaiola (barco) pelo rio São Francisco:

Na mesa do comandante, entre outras pessoas gradas, viaja um pernambucano. Não lhe digo o nome, que ele ia incógnito. Há anos foragido em Minas, só Deus e a gente da sua terra sabe por quê. Tem muitos inimigos; foi delegado de polícia, foi cabo eleitoral, foi autoridade. Mas um dia os inimigos subiram, quiseram ajustar contas, e ele teve que deixar a cidade, a família, os haveres. Foi viver entre os

mineiros, gente pacífica e discreta que não indaga da crônica de ninguém. Mas de vez em quando a saudade aperta e ele desce o rio, anda dois dias de caminhão, entra escondido na sua cidade e passa uma noite assustada com a mulher e os filhos. Leva cerca de quinze dias de viagem, por amor dessa noite única. Mas volta de coração aliviado; e, sempre que parte, deixa um recado malcriado para os inimigos, uma lembrança qualquer para lhe marcar a presença (QUEIROZ, 1999, p. 12).

Também é o caso do motorista, seu Silveira, da crônica “O caminhão de seu Silveira” ele é o seu caminhão são personagens e figuras centrais do texto. Rachel de Queiroz viaja no caminhão, narra os percalços da viagem e o temperamento do caminhão e do motorista:

Na aba da serra, Seu Silveira e o caminhão declaram-se em greve. Primeiro foi a máquina: cuspiu, tossia como um tísico engasgada com a gasolina misturada ao álcool. Furou um pneu. Entupiu os filtros. Quebrou pela milionésima vez a biela. Seu Silveira já de há muito via uma encrenca; esperava que os passageiros remediassem, que dessem a manivela. Porém no sopé do Araripe nem mais isso quis fazer. Já ia subindo a encosta, palmo a palmo, como um aleijado. De repente, novo enguiço: o monstro e seu dono recusaram-se a continuar. Seu Silveira olhou para a gente com cara de desafio: - Está aí o caminhão. Está aqui a chave. Quem quiser que pegue a direção e leve este diabo adiante. Eu vou dormir naquele caminhão que vem lá atrás, que tem carga de lã; não gosto de cheiro de café... (QUEIROZ, 1999, p. 18).

Na observação do cotidiano, das pessoas, dos fatos, está sempre a presença daquele que vê; é a cronista, cujo registro também passa ser autobiográfico. Há a presença da cronista não só como depoente e narradora da crônica, mas também como personagem. O título da crônica é *Ceará* e foi publicada em março de 1944: “depois de mais de quatro anos de ausência, revi fortaleza, meu berço. (...) Quando em 1939 deixei o Ceará, a minha capital seguia o ritmo de marcha rápida das cidades provincianas (...)” (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Assim a cronista permanece na cena da crônica expondo seu reencontro com a terra natal e as suas impressões. Há o perfil das figuras do passado, como dona Chiquinha, Mr. David, professor de inglês, figuras como o palhaço Capote, tema de uma crônica, há o catalão que resgata do tempo da infância; a gente da cidade: um senhor que encontra no bonde, um vigia noturno. Está é uma característica que a crônica assume no século XX.

A crônica contemporânea será construída juntamente com o jornalismo impresso dos jornais-empresa, em que o fator notícia é predominante e em que os fatos se distribuem em cadernos temáticos: cidades, política, economia, esportes, e até mesmo em páginas, como a afamada página policial, dedicadas aos crimes. A crônica é não só uma resposta a esta nova configuração do jornalismo, mas é também fruto da urbanização e da vida nas cidades. O bonde, o telefone, o comércio, os incidentes, os crimes, também estarão nas crônicas.

Casos policíescos de vingança e morte, típico das rixas de famílias sertanejas, como o narrado na crônica “A donzela e a moura torta” e em “Morreu o moço Jorge”. O Ceará será sempre matéria presente nos seus escritos e assim o universo do sertão, então desfilarão personagens da sua infância na fazenda o Junco, a gente de casa, como o compadre Antônio Muxió (assunto de uma crônica), figuras de jagunço, o tema das secas, os açudes, a fé na figura do Padre Cícero. Presenças marcantes nos escritos e nas memórias de Rachel de Queiroz.

Biografia, autobiografia e perfil biográfico

Instada pela irmã Maria Luiza, Rachel de Queiroz não pode fugir ao registro das suas memórias, fruto de diversas conversas gravadas com a participação da irmã, que também colabora com as suas lembranças para o livro que resultou deste processo, intitulado *Tantos Anos* e publicado pela editora do amigo de longas datas, José Olympio.

A jornalista já contava com setenta e oito anos quando compôs o relato, era o ano de 1998. Nos registros de Rachel de Queiroz, episódios que retratam a sua atuação como jornalista. Já no terceiro capítulo, intitulado *Rainha dos Estudantes*, a jornalista reafirma a sua vocação e atuação no jornalismo. Rachel se considerava jornalista e em diversas declarações ao longo da vida, em entrevistas, afirmou que mais que escritora, era jornalista.

Tudo começou por volta de 1925 e 1926, na redação do jornal cearense *O Ceará*, cujo diretor e redator eram amigos de seu pai. Era um jornal de oposição. A participação de Rachel nasce de uma carta assinada com o pseudônimo de Rita de

Queluz, criticando o concurso da Rainha dos Estudantes, para o qual, ironicamente, no futuro seria uma eleita, e sobre o qual resultaria outro episódio de sua carreira.

Rachel escreveu uma carta para o suplemento literário do jornal - tinha dezesseis anos, morava na fazenda Junco - que gerou burburinho pela posição contundente e de galhofa e resultou no convite para ser colaboradora. Encarregada pela página literária, passou a receber por isso cem mil réis por mês. O jornal era ateu e anticlerical e metia-se em polêmicas.

Rachel permaneceu no veículo até 1928, quando se transferiu para *O Povo*. Outro episódio marca a sua passagem pelo *O Ceará*: um artigo de fundo do Nordeste mencionava a presença de uma estudante de um colégio de freiras em um jornal profano. Temendo que a moça virasse alvo de maledicências, o diretor do jornal aconselhou-a a deixar a redação se quisesse, para evitar falatório. Mas nada abalou Rachel e ela permaneceu, o que demonstra não só um traço da personalidade da jornalista presente em toda a sua trajetória - a coragem -, mas também seu total engajamento com a profissão.

Coragem que a fez membro do partido comunista que, conseqüentemente, levou-a a ser presa diversas vezes, e até deserção do partido, que queria censura-lhe um romance. Nunca se dobrou a censura, qualquer que fosse, e fez da sua atuação o exemplo da liberdade de imprensa e da liberdade de ideias e pensamento.

No *O Povo* foi colaboradora permanente. “Quando escrevi *O Quinze*, entre 1929 e 1930, já era jornalista profissional” (QUEIROZ, 2010, p. 30). Neste período assumiu também o cargo de professora de história da Escola Normal, e por sua popularidade foi eleita a tal Rainha dos Estudantes. No dia da coroação uma festa grandiosa foi preparada com direito a presença do governador do estado, mas eis que alguém avisa que João Pessoa acabava de ser assassinado na Paraíba. A vocação prevaleceu, Rachel abandonou tudo e foi se inteirar dos fatos, afinal, era acima de tudo jornalista.

Rachel conduzirá a narrativa da sua vida profissional para fixar a sua convicção de que era jornalista, muito mais que romancista, registrando não só nestas suas memórias a contragosto, mas também nas declarações reafirmará de forma contundente a importância de sua produção jornalística que, talvez, considerasse diminuída face o sucesso e a sua consagração pública como romancista. O jornalismo, considerava, foi o seu meio de vida, de onde obteve recursos financeiros para sobreviver, e o espaço em

que atuou com mais regularidade e perenidade. Interessante observar que o jornalismo é o tema mais presente e recorrente das suas memórias. As experiências de vida estão atreladas à profissão.

A repercussão de *O Quinze* e as atividades do partido comunista levaram-na a diversas viagens ao Rio de Janeiro. Depois de casada, acompanha o marido funcionário do Banco do Brasil em peregrinação a outros estados até definitivamente separar-se e ir residir no Rio de Janeiro em 1939, quando começa a colaborar como jornalista para o *Diário de Notícias*, onde trabalhava até tarde da noite. O jornalismo foi quem lhe possibilitou o firmamento de amizades, o diálogo, o debate e a troca de ideias no efervescente Rio de Janeiro dos anos 1940.

Na saída, o pessoal da redação ainda se reunia para tomar canja no Café Globo, antes de ir para casa: Evandro Moreira Pequeno, Barreto Filho, Alfredo Lage, Osório Borba, Raul Lima, dentre outros. Neste tempo do Rio conviveu com jornalistas e intelectuais como Mário de Andrade, Rubem Braga, Murilo Miranda, Moacir Werneck de Castro e Carlos Lacerda, grupo chamado de “roda”.

No *Diário de Notícias* colaborava com um artigo por semana, poderia escrever o que quisesse, até ficção (um conto), e talvez tenha sido a partir da sua participação neste jornal que tenha traçado o estilo inconfundível dos seus textos, ora tratado por artigos, ora por crônicas, e que depois seriam reunidos em livros e publicados como coletâneas de crônicas. A definição do gênero, neste contexto, parece não importar. Considerar a colaboração de Rachel como jornalista sim.

Jornalista não é só aquele que exerce as atividades assinaladas de editor, redator, revisor, repórter. Articulistas e cronistas também são considerados jornalistas, na condição de colaboradores. Rachel foi colaboradora assídua e regular e remunerada pelos veículos para os quais escreveu suas crônicas. E se considerava sujeita a todos os ditames da profissão, respeitar os códigos de conduta e ética, expor os fatos, opinar, ser uma crítica do seu tempo, é que se pode inferir da leitura dos textos publicados. Rachel colaborou com outros veículos nas suas memórias cita, além dos dois jornais cearenses e do carioca *Diário de Notícias*, atuação no *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Estado de S. Paulo* e um jornal fundado por ela e por amigos: *A Vanguarda Socialista*.

Rachel de Queiroz destaca também em suas memórias um episódio que foi marcante em sua vida e que fora objeto de suas crônicas para *O Cruzeiro*, o Caso Sacco

e Vanzetti. Rachel conta que acompanhou o caso pelos jornais, quando tinha dezesseis anos. Trata-se da execução a mando da justiça norte-americana, nos Estados Unidos da América, de dois anarquistas, Sacco e Vanzetti. A crônica seria publicada em dezembro de 1947, em *O Cruzeiro*, lembrando o caso. Portanto, Rachel afirma assim o registro da sua atividade no tempo e o papel da cronista-articulista em refletir sobre as questões contemporâneas e os temas em discussão. O Brasil passava pelo período de redemocratização, com nova constituição em 1946 e fim da Era Vargas.

Democracia e liberdade de imprensa eram temas em pauta. Rachel apresenta a sua forma de fazer jornalismo expondo os fatos numa estrutura que se pode identificar como uma espécie de técnica. A princípio a provocação que a leva a expor o assunto na crônica, neste caso a carta de um leitor, depois expõe a sua relação pessoal com o caso, quando era jovem e acompanhou todo o drama pelos jornais, depois apresenta um resumo do caso de uma forma que é o próprio desenho de uma notícia, como se incorporasse no seu texto o *modus operandi* do jornalismo: “a 15 de abril de 1920 foi assaltada uma fábrica de calçados no Estado de Massachusetts, USA, em dia de pagamento do pessoal. Eram dois homens os assaltantes, os quais, além de levarem o dinheiro da folha, assassinaram o guarda e o pagador” (QUEIROZ, 2006, p. 96).

O jornalismo também lhe proporcionaria outras experiências, como a primeira viagem à Europa, no período do pós-guerra. Foi a partir de uma crônica queixosa em *O Cruzeiro* que conseguiu a viagem, ela narra o episódio nas memórias: “Eu escrevera um artigo na Revista *O Cruzeiro*, muito lamentoso, dizendo que todo mundo ia à Europa, só eu não ia” (QUEIROZ, 2010, p. 155). A crônica é também a própria vida do cronista, a personalização do jornalista-cronista é importante para fixar um jornalista-autor cujos desejos, anseios, opiniões se confundem com as questões do seu tempo. O cronista é um porta-voz da sociedade.

Quando Rachel escreve que deseja ir à Europa, esclarece. Não vai a passeio, não vai viver o luxo, em tempo que ir à Europa além de ser dispendioso não era uma rotina costumeira de viagem internacional a passeio, vai imbuída da missão do repórter-cronista, de contar como segue a Europa do pós-guerra, como se recupera da destruição da guerra e principalmente, qual a condição da mulher. Na crônica Rachel estabelece a sua pauta. A ideia é de uma correspondente de pós-guerra. Deve-se levar em conta que, se quase impossível foi ao cronista Rubem Braga furar o cerco e ser correspondente no

front de guerra (SOBRAL; BULHÕES, 2016a), imaginar que era impensável a presença da mulher-correspondente.

A crônica foi publicada em *Uma rede, um alpendre, um açude* com o título *Viagem à Europa*:

Se eu tivesse dinheiro e consentimento de quem me manda, faria agora uma viagem à Europa. Seria uma espécie de visita de pêsames, tão de uso ainda nas nossas províncias; (...) o meu destino não seria ver as ruínas (...) iria ver especialmente o povo, e entre o povo, as mulheres (QUEIROZ, 2006, p. 24-25).

Conseguiu assim a viagem e foi para uma temporada na Europa com o marido, o médico Oyama. Rachel nesta altura já cultivava a Última Página na revista O Cruzeiro, dos Diários Associados. Rachel colaborou com O Cruzeiro entre os anos 1944 e 1977 (SOBRAL; BULHÕES, 2016). Pode-se até afirmar que inaugurou na revista brasileira a última página também como um espaço nobre para os articulistas de revista:

Através não me lembro de quem recebi um convite de Assis Chateaubriand (eu já colaborava nos Associados) para trabalhar em O Cruzeiro. Logo recebi um telefonema de Leão Gondim, diretor da revista, e fui combinar com ele a colaboração. A primeira página de O Cruzeiro era onde saíam habitualmente as colaborações das amigas de Chatô. A ideia de Leão era ‘reabilitar’ a primeira página e manter lá a minha crônica semanal. Eu recusei e sugeri a última página da revista. Leão achou ‘uma loucura botar uma colaboradora ‘do meu nível’ na última página’. Argumentei que o que faz a página é a matéria nela impressa. Se a minha colaboração interessasse, o leitor encontraria a última página com a mesma facilidade com que encontrava a primeira. Além do mais – creio que foi isso que o convenceu –, uma crônica assinada, na última página, iria valorizar a capa de trás em matéria de publicidade. Intitulamos a minha crônica “A última página” e a minha sugestão deu tão certo que ficou no mesmo lugar durante trinta anos batidos – desde 1945, quando lá me iniciei, até 1975, quando a revista morreu (QUEIROZ, 2010, p. 203).

Outro ponto a considerar na trajetória do jornalista é o seu pendor para a escrita. O jornalista é aquele antes de tudo se forma escritor, no tempo em que não havia as faculdades de jornalismo e em que escrever antes de tudo era uma vocação assinalada. Acioli (2007) no breve perfil biográfico que traça sobre a jornalista, atribui o interesse de Rachel pela leitura ao ambiente da casa, que era de leitores. Tanto o pai quanto a mãe da romancista eram leitores dos jornais diários e clássicos da literatura universal, motivando na menina Rachel o interesse e o gosto pela leitura.

Outra não será a perspectiva da seção “memória seletiva”, uma cronologia biográfica sobre Queiroz (IMS, 1997), quando atribui à mãe o gosto pela leitura, ela estava “sempre atualizada em relação aos lançamentos literários – não só os brasileiros, mas também os clássicos franceses” (IMS, 1997, p. 10). Também o fará textualmente em entrevista: “eu nasci numa casa de intelectuais, onde todo mundo lia muito” (IMS, 1997, p. 22).

A pesquisa de Acioli (2007) é resultado de entrevistas com Rachel de Queiroz e pesquisa bibliográfica acerca da vida e obra da autora. Ela nos permite afirmar que a menina Rachel despertou a vontade de ler ao ver os adultos com o jornal na mão. Ou seja, considera que a vocação para o jornalismo vem do berço.

Há uma dubiedade entre esta vocação para escrita e a presença dos jornais na vida da jornalista desde a infância, o que assevera o grau de vocação para o jornalismo e, quando relata as experiências de vida, o espaço do jornalismo como *modus vivendi*.

O perfil biográfico por Acioli (2007) também atribuiu o talento de Rachel para o jornalismo à aptidão para a pesquisa, pois não prescindia, quando inventava de escrever um romance da pesquisa de campo, de investigar e apurar sobre o tema escolhido, e não foi diferente com *O Quinze*.

A primeira fase de Rachel na imprensa é nos jornais do Ceará, como ela mesma asseverou em suas memórias autobiográficas seguida de um interregno, quando se casa pela primeira vez e passa a acompanhar o marido que era bancário aos postos que assumiu pelo Brasil. Rachel passa pela Bahia, Alagoas, São Paulo, até, ao se divorciar, mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro e assumir mais uma vez como profissão, o jornalismo.

No Rio de Janeiro adotará a atividade de jornalista, escrevendo crônicas para diversos jornais e atuando como tradutora e em adaptação de romances estrangeiros para a editora José Olympio. Em entrevista, declarará: “durante um bom tempo, a tradução me ajudou a sobreviver. Mesmo depois que comecei a escrever para O Cruzeiro, continuei traduzindo” (IMS, 1997, p. 25). Este registro denota um aspecto da profissão que é a má remuneração do jornalista levando-o sempre a colaborar com mais de um veículo para sobreviver, ou conjugar a atividade com outras alternativas, a tradução foi uma delas.

Sobre a sua colaboração com os Diários Associados, dirá sobre o patrão, o jornalista Assis Chateaubriand em crônica publicada em O Cruzeiro, quando traça considerações sobre o repórter David Nasser, da mesma revista. Diz Rachel que Chateaubriand nunca interferiu nas atividades dela como articulista, e que assim pode exercer a sua atividade com liberdade de imprensa (QUEIROZ, 1961).

A figura dúbia de Assis Chateaubriand exposta por Moraes (1994), era a do patrão-jornalista que, reconhecendo o talento dos seus colaboradores, não prescindia da sua presença nas páginas dos seus jornais e revistas e permitia-lhes a plena liberdade de expressão e opinião desde que não fosse contra aos seus interesses. Parece que a relação com a colaboradora Rachel de Queiroz foi sem atritos, diferente do que se registrou com o repórter e cronista Rubem Braga (SOBRAL; BULHÕES, 2016a).

Considerações finais

O jornalismo foi considerado por Rachel de Queiroz como atividade diária, ganha pão. Rachel frisa esta faceta da atividade profissional, o quesito sobrevivência, embora haja dito que a vocação para escrita vinha de casa e que de alguma forma a exerceu. A crônica foi, portanto, a sua atividade laboral. E quanto a isto as declarações da própria jornalista não devem ser ignoradas.

Ela tentou a todo tempo frisar a importância da crônica na sua vida profissional. E que, destacamos, é capaz de traçar o contexto de um tempo do jornalismo. André Seffrin (QUEIROZ, 2006) faz uma observação que talvez não tenha sido percebida e que o jornalismo ainda precisa levar em conta nos seus estudos: quando será que o jornalismo dará o devido valor e importância à crônica? E quando se proporá a estudos pontuais que explorem a riqueza conteudística que ela encerra?

Rachel considerava o jornalismo mais profissão que vocação, como registra Seffrin (QUEIROZ, 2006), o que é um ponto importante para refletir ao pensar que a escritora quebra com a tendência romanesca do jornalismo-vocação, do “chamado” e põe o jornalismo no quesito labuta, trabalho diário, ofício, ganha pão. Também se deve registrar a preocupação, por Rachel de Queiroz, ao selecionar crônicas para publicação em livro, de fixação deste trabalho para além do efêmero do diário, semanal ou mensal dos jornais, revistas, relegando o jornalismo a outro status, a de fonte documental.

Rachel iniciou nos jornais nos anos 1920 e segue publicando crônicas até o fim da vida. A preocupação nasce desde cedo, porque em 1948 sai o primeiro livro jornalístico (de crônicas, como ficaram classificados, talvez até pela popularidade do gênero dos jornais, e por isso, ter apelo para vendagem), o que fez com que estas crônicas, hoje de difícil acesso, por subsistirem apenas em arquivos de instituições quando se dedicam a coleção e conservação de jornais do passado, ou no próprio arquivo pessoal da escritora, não só atingissem o grande público no tempo da publicação, mas também que perdurasse o seu acesso com a presença do livro em biblioteca e reedições. Ignorar biografias, autobiografias, memórias e crônicas é desconhecer a história do jornalismo.

Referências

- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. **Temática**, v. 12, p. 206-221, 2016.
- CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga**: um cigano fazendeiro do ar. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- CASTELLO, José. **Na cobertura de Rubem Braga**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- IMS. **Cadernos de Literatura Brasileira, nº 4**: Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionários de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: MORAES, Vinicius. **Para uma menina com uma flor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- QUEIROZ, Rachel de; SALEK, Maria Luiza de Queiroz. **Tantos anos**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- QUEIROZ, Rachel de. **Um alpendre, uma rede, um açude**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. **David Nasser e o seu "velho capitão"**. Revista O Cruzeiro. Publicado em: 16 set. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 01 jun. 2017.

QUEIROZ, Rachel. **A donzela e a moura torta**. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Siciliano, 1999.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. **Rachel de Queiroz, jornalista**. In: Anais do Encontro de História da Mídia, Maceió, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter. **Leituras do Jornalismo**, n. 6, v. 2, ano 3, 2016a.